**BEBÊS NO MAR: SAMBA DE RODA PARA OS PEQUENOS NO MUSEU**

*Cristina Carvalho[[1]](#footnote-1)*Financiamento CNPq  
*Gabriela Campolina[[2]](#footnote-2)*Financiamento FAPERJ *Valeria Martins[[3]](#footnote-3)*Financiamento CNPq

**EIXO TEMÁTICO:** Pesquisas e experiências com bebês na urbe

**Resumo**

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a presença de bebês no museu a partir da atividade “Bebês no MAR” realizada pelo Museu de Arte do Rio, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Tomando por base os resultados obtidos com o desenvolvimento da investigação e o debate realizado pelo grupo de pesquisa o qual as autoras fazem parte, é possível identificar a escassez de atividades para bebês em espaços culturais. Dessa forma, a iniciativa realizada pelo MAR se mostra como uma possibilidade real dos bebês ocuparem museus com suas famílias.

Palavras-chave: Bebês; Museu; Cultura

**Introdução**

Quando se pensa na presença de bebês no mar, a imagem de pequenos pés tocando a areia e a água salgada de uma praia é imediatamente remetida. De fato, este espaço se configura como uma alternativa tangível para famílias que residem em cidades localizadas no litoral. No entanto, o presente trabalho não fala de praias, mas do Museu de Arte do Rio (MAR), localizado na cidade do Rio de Janeiro. Discorrer sobre bebê em museu, em uma cidade com um vasto número de espaços culturais, é uma possibilidade? Apresentando esta temática em eventos acadêmicos, tem sido possível identificar surpresa e certo espanto, mesmo entre profissionais da área.

O presente estudo é um recorte da investigação institucional realizada pelo grupo de pesquisa o qual fazemos parte. O estudo tem como objetivo principal investigar os setores e ações educativas de museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro.

O recorte aqui apresentado toma como ponto de partida o questionário aplicado pelo grupo de pesquisa[[4]](#footnote-4) no ano de 2015 a Museus e Centros Culturais da cidade do Rio de Janeiro, buscando mapear e conhecer estratégias desenvolvidas para o público infantil, mais especificamente para crianças de zero a cinco anos. A partir da análise do questionário foi feita uma busca por programações específicas para o público infantil espontâneo.

Foi possível constatar que a presença dos bebês em museus e centros culturais do município do Rio de Janeiro é praticamente inexistente. Das 85 instituições respondentes apenas oito afirmaram receber os bebês com frequência alta e muito alta. O Museu de Arte do Rio (MAR), localizado no centro da cidade, estava entre as poucas instituições que afirmaram receber as crianças de zero a três anos com frequência alta.

A Instituição, inaugurada em 2013, é um espaço administrado através da parceria de órgãos públicos da cidade e a iniciativa privada. Vem se destacando por suas ações educativas e, no questionário, afirmou que as atividades oferecidas para crianças eram jogos e brincadeiras, contação de história, visita mediada e oficina. Em 2018, por meio de verificação em site e redes sociais, reiterou-se que o MAR oferecia atividades específicas para o público dos bebês.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal investigar uma atividade voltada para bebês e suas famílias no Museu, denominada Bebês no MAR, com o intuito de conhecer as especificidades desse atendimento e analisar o modo como acontece essa atividade.

**Museu e Bebês: Algumas reflexões**

Abordar a temática dos bebês é um desafio até mesmo para falar de espaço institucionalizado, como as creches, que na sua origem foram pensadas para os pequenos. Incluir discussões sobre a cidade, espaço que em grande parte não considera o bebê e a criança, é ainda mais desafiador. A escolha pelo museu se justifica por compreender o potencial desse espaço na ocupação da cidade e na formação humana, reconhecendo que há outros locais em que os bebês podem ocupar, como teatros, centros culturais, parques, jardins etc. Por outro lado, o museu é também uma opção de lazer que se distancia do objetivo de consumir, como os shoppings centers. Refletindo sobre as inúmeras possibilidades de ações educativas, Sarmento (2018, p. 235) destaca que “a experiência da cidade pode ser estimulada pelos serviços educativos associados aos museus, pelo incentivo ao contato espontâneo com a natureza nos parques e jardins, pela abertura das ruas à circulação pedonal com segurança e às interações com os seus passeantes de todas as idades”.

O referencial teórico que articule bebês e museus ainda é escasso. Para as reflexões aqui apresentadas, foram utilizados textos do I Seminário de Bebês no Museu[[5]](#footnote-5), que aconteceu em 2014, e principalmente o trabalho de Santos (2017) intitulado “Bebês no museu de arte: processos, relações e descobertas”. Alguns questionamentos são feitos para dar início à discussão: É possível bebês no museu? Que relação foi estabelecida entre o museu e os bebês? É uma proposta de acolhimento ou de isolamento dos pequenos aos espaços expositivos?

Essas indagações levam a reflexões sobre o espaço museal e, conforme destaca Leite (2004),

Mesmo entendendo que os espaços museológicos pertencem a todos os cidadãos, fazer com que as pessoas possam apropriar-se deles parece ser, até hoje, um desafio, uma vez que um dos mais importantes papéis do museu é apresentar o conhecimento acerca dos objetos culturais de forma crítica, estimulando seu diálogo com o público. Em tese, o direito ao acesso à cultura é garantido constitucionalmente; na prática, entretanto, é negado à maioria da população (LEITE, 2004, p.122).

Os museus ainda são espaços elitizados e, quando se trata de bebês, Santos (2017) afirma que há preconceito e resistência na medição. Para a autora, olhar para teorias do desenvolvimento infantil é um caminho não para definir qual o “melhor desenvolvimento”, mas para compreender que a inserção dos bebês na cultura desde o nascimento é fundamental no processo de humanização dos sujeitos. O estudo realizado por Santos (2017) ressalta que esse público é considerado um desafio para as instituições museais, mas, em contraponto, é um espaço potente de encontro entre adultos, crianças e acervo, em que é preciso acreditar na potencialidade das crianças.

Buscar o acolhimento de um público é pensar em inclusão:

as ações que aproximam os bebês do cotidiano do museu agem diretamente no campo da acessibilidade social e simbólica desses espaços. As iniciativas também procuram abarcar o campo material da acessibilidade ao oferecer determinadas condições de acesso para esse público como entrada gratuita ou “programa de fidelidade”, trocadores, respeito sem constrangimentos ao direito da amamentação em espaços públicos, além de espaços para o aquecimento de alimentos (SANTOS, 2017, p.101).

Nesse sentido de acessibilidade social e simbólica, Oliveira (2011) discute o acolhimento e a forma singular das crianças (desde a mais tenra idade) de vivenciar o mundo. É preciso acolher o modo da criança se relacionar e significar os museus e obras expostas, que acontece de uma forma que se difere do modo como o adulto se relaciona com essas experiências e espaços. O que não significa que seja melhor, menos ou mais importante, mas que são experiências diferentes.

O museu é um espaço que preserva criações da humanidade, e compartilhar este aspecto com as crianças pequenas é dar possibilidade de encantamento para as coisas do mundo, para a diversidade, para a possibilidade de ampliação do repertório da imaginação desde muito cedo. Quando o museu se abre para receber bebês permite a apropriação e fruição para este e outros públicos que não são pensados inicialmente.

O I Seminário de Bebês no Museu, que aconteceu em 2014, demonstra que algumas iniciativas estão sendo pensadas. A publicação apresenta atividades para bebês em museus do Rio de Janeiro e São Paulo. Uma das iniciativas relatadas na publicação foi realizada pelo grupo de Ação Educativa do Museu Lasar Segall, localizado na cidade de São Paulo: (i) a “Visita Canguru” com foco em mulheres no puerpério, que carregavam bebês nos condutores de tecido. O intuito era acolher as mães no museu, a fim de conhecerem a exposição e participarem de uma experiência plástica no ateliê da instituição, 23 mulheres compareceram. (ii) o “Museu: Primeiros olhares”, em que por meio de objetos espalhados no espaço expositivo os bebês se locomoviam livremente, buscando o olhar para os objetos que poderiam ser manuseados e não apenas sendo retiradas dos locais proibidos, com três edições em que 28, 38 e 76 pessoas compareceram, respectivamente (AÇÃO EDUCATIVA, 2014).

Outra iniciativa relatada na publicação foi realizada no Museu Internacional de Arte Naif (MIAN), localizado na cidade do Rio de Janeiro, denominada “Naïf para Nenéns”. Para o desenvolvimento da atividade não foi elaborada uma exposição específica para os bebês e sim uma experiência que procurava dialogar com as obras expostas no momento. Por meio da interação com os objetos, obras, adultos e outros bebês, os pequenos foram inseridos no universo cultural do espaço. Foram desenvolvidas estratégias para trazer elementos das obras às mãos, pés, ouvidos e até boca dos bebês. Esta atividade teve alta demanda, de modo que, num total de 12 visitas, 123 bebês e suas famílias foram atendidos.

**O samba de roda para bebês**

A atividade analisada no trabalho de campo, desenvolvida no Museu de Arte do Rio, era gratuita e tinha como foco os bebês de zero a dois anos. De acordo com o que foi observado, esta atividade procurava dialogar com a mostra de longa duração *O RIO DO SAMBA: resistência e reinvenção*, que buscava explorar os aspectos sociais, culturais, políticos e históricos do samba desde o século XIX até os dias atuais.

No dia da observação da atividade, em 23 de junho de 2018, aproximadamente 50 bebês compareceram com suas famílias, sendo divididos em dois grupos, cada um com 25 bebês. Os mediadores esclareceram que a atividade teria início no terraço do Museu.

O primeiro momento já pareceu desafiador, pois não era simples subir até o último andar do prédio com 25 bebês com seus carinhos e bolsas. O espaço físico do Museu de Arte do Rio foi planejado de modo a ser distinto da concepção de um museu tradicional de arte. A Instituição é composta por dois prédios – um antigo palacete tombado e um edifício modernista - unidos por meio de uma praça, uma passarela e uma cobertura em forma de onda. O palacete abriga as salas de exposição do Museu e o prédio ao lado é o espaço da Escola do Olhar, um ambiente com foco na formação de educadores da rede pública de ensino do Rio de Janeiro. Para ter acesso ao espaço expositivo é necessário subir até o último andar de um dos prédios, onde se iniciou a atividade.

Figura 1: Prédios Museu de Arte do Rio (MAR)



Fonte: @museudeartedorio

Os bebês estavam acompanhados por pelo menos um familiar e em alguns casos havia grupos de mais de quatro pessoas. Considerando o fato de que os bebês, de modo geral, também precisam de carrinhos e bolsas diversas, e eram 25 famílias por grupo, o momento de chegada ao Museu e de deslocamento para o terraço num elevador que não cabia mais de um grupo por viagem foi desafiador, e mais demorado do que o planejado tanto pelos educadores do espaço quanto pelos grupos familiares.

Enquanto todas as famílias subiam, os educadores aguardavam os grupos no terraço com instrumentos musicais, cantando e dançando ao ritmo do samba uma canção que dava boas-vindas aos bebês. Foi possível observar que essa dinâmica musical, assim como a presença de tantos bebês, chamou a atenção da audiência que não participava da atividade. O público que já estava no Museu olhava atento, demonstrando também curiosidade, para o que estava acontecendo, tirando fotos, sorrindo e apontando para o grande grupo que se formava. É, de fato, inesperado ver tantos bebês juntos em espaços que raramente estão presentes e, de modo geral, não são aos bebês que a exposição ou atividades estão direcionadas.

A atividade desenvolvida foi voltada para a musicalidade e a sensorialidade, dialogando com a temática da mostra principal que era o samba. Os bebês, junto com seus familiares e com os educadores do Museu, desceram a rampa que conecta os dois prédios em direção ao espaço expositivo, sempre embalados pelo som da música e dos instrumentos que estavam sendo tocados. Quando chegaram a um dos espaços dedicados à mostra, os bebês participaram de uma roda de samba, onde puderam experimentar pequenos instrumentos musicais que estavam dispostos num grande tapete colorido.

Figura 2: Atividade Bebês no MAR



Fonte: @museudeartedorio

Foi possível perceber que os bebês estavam muito à vontade, balançando seus braços ao ritmo das músicas e interagindo entre si e com os instrumentos. O movimento de braços, os olhares, a experimentação dos objetos e a interação com outros bebês indicavam que eles exploravam tudo o que era oferecido. O repertório musical contemplou canções infantis e sambas clássicos brasileiros, possibilitando que as famílias também interagissem. A fala de uma das educadoras no começo da atividade demonstrou a importância da presença e interação das famílias: *“a gente entende que a visita dos bebês é a visita das famílias”.*

Alguns objetos, como um bambolê rodeado de fitas coloridas, eram colocados em cada um dos bebês, propiciando um momento de interação com o objeto e com o movimento colorido das fitas. A atividade foi encerrada, novamente em formato de bloco de carnaval, com ações do educador na frente e as famílias atrás caminhando até o portão de saída, cantando uma música de despedida. Algumas famílias continuaram no Museu a fim de conhecer outros espaços e conhecer a exposição. Alguns bebês continuaram no carrinho e os maiores exploraram o chão da Instituição.

Figura 3: Educador interagindo com bebê



Fonte: @museudeartedorio

**Considerações Finais**

O presente texto buscou apresentar como é real a possibilidade de bebês com suas famílias ocuparem o espaço museal. Pesquisas nas temáticas da infância e do museu têm sinalizado o despreparo de profissionais que recebem o público e uma superficialidade da temática quando se volta para o público infantil. Contudo, a atividade aqui descrita se mostrou consolidada, indicando planejamento e preparação por parte dos profissionais.

A partir da observação da atividade, é possível afirmar que o museu investigado, com as ações desenvolvidas, configura-se como espaço que possibilita a apropriação dos bebês e suas famílias. Para Leite (2014, p. 9), “democratizar e dar acesso aos espaços museais é fazer com que cada sujeito que entre naquele museu sinta-se acolhido por ele; possa ver e ver-se no museu; desafie-se a construir ali uma relação de identidade e de alteridade; constituir redes de pertencimento naquele lugar”. No desenvolvimento das atividades, as famílias se sentiam de fato inseridas no espaço: em alguns momentos os adultos tiravam o sapato, mães trocavam as fraldas dos bebês no meio da exposição e os bebês se sentiram confortáveis e livres para explorar o espaço expositivo, descobrindo os instrumentos musicais e aproveitando o que era a eles oferecido. A acessibilidade social e simbólica que defende Santos (2017) foi constatada tanto na atividade quanto na instituição de uma maneira geral.

Foi também possível constatar que a atividade valorizou a exploração dos sentidos. Leite (2014) ressalta que

meninos e meninas, desde bebês, relacionam-se com o mundo, prioritariamente, através de seus cinco sentidos olham atentamente o que os cerca, cheiram tudo, provam o possível, perseguem e emitem sons, expressam-se facial e corporalmente, choram, riem, mexem-se em todas as direções (LEITE, 2014, p.10)

De modo geral, através da atividade aqui apresentada - *Bebês no MAR* -, o Museu sinalizou que o público dos bebês poderia se apropriar do museu com suas famílias, e que é possível descobrir o espaço expositivo sem o isolamento ou exclusão dos pequenos, buscando uma democratização dos espaços da cidade.

**Referências bibliográficas:**

AÇÃO EDUCATIVA. Bebês no museu? no Segall, sim! In: MUSEU LASAR SEGALL. *I Seminário Museus e bebês.* p.17-26. São Paulo, 2014.

CARVALHO, Cristina. Criança menorzinha... ninguém merece! – políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, Sonia & ROCHA, Eloísa Candal (orgs.). *Educação infantil: enfoques em diálogo*. 2. Ed. São Paulo: Papirus, 2013.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Quando a escola vai ao museu*. Campinas: Papirus, 2016.

CARVALHO, Cristina; CAMPOLINA, Gabriela; MARTINS, Valeria. Bebês no MAR: programação específica para o público infantil no museu. In, *II Congresso de estudos da infância – politizações e estesias*. Rio de janeiro, 2019, p. 46-48. Anais (online). Disponível em: <https://ceiuerj.wixsite.com/estudosdainfancia/texto-completos>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

GEPEMCI. *Ações educativas em museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro.* Cristina Carvalho (coord.). Rio de Janeiro, 2015

LEITE, Maria Isabel. *O serviço educativo dos museus e o espaço imaginativo das crianças.* In Pro-Posições. Campinas: UNICAMP, vol 15, n.1 (43), jan/abr 2004 (p. 121-127)

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Museu e criança pequena, relação possível e desejada. In: MUSEU LASAR SEGALL. *I Seminário Museus e bebês.* p.09-16. São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. Museu: um lugar para a imaginação e a educação das crianças pesquenas. In: KRAMER, S. e ROCHA, E. *Educação infantil: enfoques em diálogo.* Campinas: Papirus, 2011.

LEVY, T; CONSORT, R; DUPRÉ, R. Museus, bebês e crianças pequenas – a experiência do MIAN. In: MUSEU LASAR SEGALL. *I Seminário Museus e bebês.* p.35 São Paulo, 2014.

SANTOS, Maria Emília. *Bebês no Museu de Arte: Processos, Relações e Descobertas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Infância e cidade: restrições e possibilidades*. Educação - revista quadrimestral. Porto Alegre, v.41, , n. 2, p. 232-240, maio-ago. 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/31317/17259>. Acesso em: 30 set. 2019.

1. Pedagoga (PUC-Rio), Mestre em Educação (PUC-Rio). Professora da PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [cristinacarvalho@puc-rio.br](mailto:cristinacarvalho@puc-rio.br) [↑](#footnote-ref-1)
2. Estudante de Pedagogia (PUC-Rio). Bolsista de Iniciação Científica – FAPERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [gabicampolinazeredo@gmail.com](mailto:gabicampolinazeredo@gmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. Pedagoga (PUC-Rio), Mestranda em Educação (PUC-Rio). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [valeriacunha1996@gmail.com](mailto:valeriacunha1996@gmail.com) [↑](#footnote-ref-3)
4. O questionário online foi enviado no ano de 2015 a todos os museus e centros culturais cadastrados no Guia de Museus Brasileiros - IBRAM (2011) e na publicação Museus RJ - Um guia de Memórias e Afetividades (2013). Dos 99 museus em funcionamento, 85 responderam ao questionário. [↑](#footnote-ref-4)
5. O Seminário teve como objetivo a troca de experiências de espaços culturais que se voltam para os bebês, suas famílias e mulheres no período de gestão e pós-parto. [↑](#footnote-ref-5)